

Apesar da parte mais importante do comércio da alta idade média estar relacionado com as igrejas e as cortes dos príncipes, foram as transacções locais de mercadorias aquelas responsáveis pelo desenvolvimento do tecido urbano.

Delas dependia a satisfação das necessidades de clientes e mercadores das várias condições sociais.

À excepção de Roma, as cidades do século XI, eram “núcleos pré-urbanos”, isto é, centros de comércio não diferenciado, ordenados em redor de uma rua principal, o *wike*, ou rio, *portus*. Muitas desenvolveram-se nos subúrbios exteriores de fortificações, tais como bispados ou mosteiros, outros, como Dorestade e Qentovic, eram abertos e sem fortificações.

Apesar de haver alguma indústria associada a estes núcleos, desenvolvida com o propósito de dar resposta às actividades comerciais, os produtos eram essencialmente manufacturados nas povoações rurais. Estes núcleos tinham uma função essencialmente distributiva, o que implicava uma constante mobilidade dos mercadores.

Os traçados urbanos sofreram alterações profundas, tornando-se irregulares, o que manifestava uma necessidade de organização distinta da romana. Por este motivo, o termo *civitas* sofreu uma alteração significativa no início da Idade Média, passando a significar a área dentro dos limites das muralhas, onde o bispo exercia o controlo secular. As populações em franco crescimento não eram normalmente chamadas de *civitates*, com excepção das sedes de bispados.

A “História dos Francos”, de Gregório de Tours, sugere que o aumento de poder dos bispados no século VI, derivou numa dependência do comércio de longa distância, de onde provinham os artigos de luxo, porém, as *civitates* também careciam de bens de consumo utilitários. Tours foi uma cidade exemplar de uma população dependente dos mercadores, que durante a fome de 585, lhes permitiu especular e amealhar.

O facto de as abadias e igrejas receberem pagamentos em géneros pelo arrendamento das suas propriedades, que excediam as suas necessidades, levou a que estes produtos circulassem nos comércios locais, em zonas controladas pela igreja. Tudo era lucro para o clero. Inclusivamente, em 744, Pepino fez questão que cada diocese assegurasse um mercado e que os preços e as medidas estivessem de acordo com o volume das colheitas. Esta desigual distribuição de riqueza e recursos levou a que, em 830, um escritor, se queixasse que os barcos desciam o Reno pesados de cereais enquanto os agricultores morriam à fome nas margens do rio.

Na Grã-Bretanha o comércio continental foi o principal responsável pelo desenvolvimento das cidades, do qual Hamwih, em Wessex, um mercado que servia sobretudo a aristocracia, é um bom exemplo. Era a maior cidade saxónica, ocupando uma área de 30 hectares, numa estrutura em grelha. Recebia mercadorias importadas da França, Países Baixos, e norte da Alemanha, tendo indústrias de ferro, bronze, chumbo, prata, cerâmica, madeira e trabalhos em osso e marfim.

Na Itália e no reino franco, as populações que deram origem a grandes cidades reuniram-se sobretudo ao lado de fortificações e abadias importantes, tendendo a alongar-se em direcção ao local de onde recebia produtos comerciais e mantimentos alimentares. Deste caso é exemplo Huy, a leste dos Países Baixos, onde as populações privilegiaram o seu desenvolvimento em torno dos pequenos cursos de água ou de estradas que ligavam ao interior. Circunstância que se manteve até que as cidades em redor dos grandes rios começaram a desenvolver indústrias capazes de exportar em grandes quantidades, sobretudo no século XI e XII.

Deste modo, os núcleos pré-urbanos tiveram origem em mercados agrícolas e em centros de distribuição, entre áreas que tinham excedentes e faltas de alimentos, ou de outras matérias primas, como o couro, ou de trabalho. Eram orgânicas e expandiam-se gradualmente, sem um planeamento. Em termos gerais, as cidades do continente europeu, desenvolveram-se

em redor de um edifício público ou a ruína de uma muralha, elementos que serviram de base e fonte às estruturas urbanas que se começavam a alargar. O caso excepcional da Itália, demonstra que o crescimento das cidades se fez com os muçulmanos.

Na Inglaterra, apesar a intenção dos reis em fundar cidades fosse a de criar locais estrategicamente defensáveis, também se tornou progressivamente conveniente aí concentrar as actividades comerciais e industriais, exigindo que as grandes transacções fossem autorizadas por um corregedor real dos portos.

Com o desenvolvimento da urbanização surgem os alvarás para mercados nas cidades e as Casas da Moeda.

O comércio destas cidades começa então a adoptar orientações específicas, conforme os interesses e as necessidades. Por exemplo, o comércio da Germânia dirigia-se para sul e para leste, tanto que o rei Otão estabeleceu na cidade de Magdeburgo um mercado para os judeus administrarem o comércio, o que se tornou no primeiro incentivo para o povo judeu depois se vir a espalhar pela França e norte da Europa, por volta do ano 1000.

NICHOLAS, D. (1999). Transformações na Terra. In *A Evolução do Mundo Medieval. Sociedade, governo e pensamento na Europa: 312-1500*. Lisboa, Publicações Europa-América.

Imagem:

https://1.bp.blogspot.com/-6XMg0mbO-tg/WXufvGYOsak/AAAAAADFwA/c3m_nhZfMiUpLhXy82SB9k5kuhxYlu2QACLcBGAs/s1600/Medieval-Trier.jpg

Texto actualizado a 1 de Julho de 2020.